

SEJAM FIÉIS AO PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA UNIDADE

Data: 06/09/1996 – Ocasião: Krishna Janmashtami – Local: Sai Kulwant Hall, Prashanti Nilayam

*Os potes são muitos, a argila é uma só. As joias são muitas, o ouro é um só.
As vacas são muitas, o leite é um só.*

Do mesmo modo, a mesma Divindade reside em todas as formas.

(Verso em sânscrito)

DEUS É ÚNICO, A META É UMA SÓ

Se você pesquisar em profundidade, descobrirá que, neste mundo, a mesma coisa assume diferentes nomes e formas e é utilizada de inúmeras maneiras. A semente é uma, da qual emergem o tronco, os galhos, ramos, folhas, flores e frutos de uma árvore. Tudo isso tem nomes e formas distintos e serve para diferentes usos. O Uno desejou tornar-se muitos (*Ekoham Bahusyam*). Embora Deus seja único, Ele assume muitos nomes e formas.

Deus é a Causa do Universo

Aqui, você deve investigar dois tipos de causas: uma é a causa instrumental (*Nimitta Karana*) e a outra é a causa primal (*Upadana Karana*). Para um pote, o oleiro é a *nimitta karana* e a argila é a *upadana karana*. Os potes podem se quebrar e perder sua forma, mas a argila permanece imutável. O oleiro confecciona diferentes tipos de potes da mesma argila. A argila não sofre qualquer mudança apenas porque os potes se quebram. De forma similar, há muitos tipos de ornamentos para os quais o ouro é a *upadana karana* e o joalheiro é a *nimitta karana*. Você pode modificar os ornamentos segundo diferentes nomes e formas, mas o ouro permanece o mesmo. Deus, no entanto, que é a *Upadana Karana* do Universo, também assume o papel de *Nimitta Karana*, o Criador; e cria objetos e seres com nomes e formas distintos. Aqui, você precisa compreender a unidade entre *Nimitta Karana* e *Upadana Karana*.

Se não houver um oleiro, a argila não poderá se converter em potes. Mesmo que o oleiro esteja presente, não poderá fazer potes sem argila. Portanto, o oleiro e a argila são ambos necessários para a confecção de potes. Para o Universo inteiro, Deus é *Upadana Karana* e também a força criativa do Universo. Seus corpos são como potes diferentes. Você usa seu corpo de diversas maneiras, experimentando prazer e dor. Assim como o pote se quebra quando cai, o corpo também perece quando chega a sua hora. Deus, porém, que é tanto *Nimitta Karana* quanto *Upadana Karana*, é permanente. O mesmo pote que é útil torna-se inútil quando se quebra. Pode-se dizer o mesmo do corpo humano.

Cinco Nomes de Deus

Cinco nomes são atribuídos a Deus: Para Nama, Vyuha Nama, Vibhava Nama, Antaratma Nama e Archana Nama. Com esses cinco nomes, Deus realiza diversas tarefas neste mundo. Deus mora em Vaikuntha. Então, Vaikuntha Nivasi (morador de Vaikuntha) é o Para Nama. Vaikuntha é aquilo que não se deforma (Kunthita). Ali Deus reside com Para Nama. Ninguém tem acesso a esse lugar. Ninguém pode entrar em Vaikuntha, onde a Divindade brilha com esplendor. Desse lugar, Deus vê e ouve tudo, e cria tudo. Mas Ele não é visto ou ouvido por ninguém. Ninguém pode ver Sua forma. Esse é o princípio de Para Nama.

O segundo Nome de Deus é Vyuha Nama. Ele se refere Àquele que se reclina sobre a serpente Adishesha, no oceano de leite. Ali, somente deuses e deusas podem vê-Lo, mas não os simples mortais. Ali, Deus, com o atributo de Vyuha Nama, atende aos desejos de deuses e deusas. Vocês têm visto isso em peças e filmes. Quando o rei demônio Hiranyakasipu causou sofrimentos indizíveis aos povos de todos os mundos, os deuses e deusas oraram ao Senhor Narayana, que se inclinava

sobre Adishesha. Ele aceitou suas preces e encarnou na Terra para matar Hiranyakasipu. Portanto, vocês podem entender que Deus com o atributo de Vyuha Nama só seja visível aos deuses e deusas.

O terceiro tipo de nome é Vibhava Nama. Esse é o nome atribuído a Deus quando Ele encarna em forma humana, como Rama e Krishna, para a proteção do mundo. Quando Deus vem como Avatar, Ele estabelece uma relação íntima com as pessoas do mundo, destrói suas qualidades e pensamentos malignos, colocando-as no caminho correto, promovendo, nelas, o desenvolvimento de devoção, pensamentos nobres e boas qualidades. Quando Deus surge como Avatar, demonstra a relação íntima que existe entre Deus e Seus devotos.

O quarto nome é Antaratma Nama. Ele se refere à consciência que permeia o homem da cabeça aos pés e que o protege. Existe Antaratma (divindade íntima) em todos. O quinto tipo é Archana Nama. O homem adora Deus nessa forma para conquistar Sua graça, por meio de orações, cânticos (*bhajan*) e procissões (*kirtan*), com devoção e entrega.

Declínio do Dharma na Kali Yuga

Desde tempos imemoriais, Deus vem encarnando na Terra, de era em era, para o restabelecimento do Dharma. Os estudantes de hoje em dia podem se surpreender ao saber disso. De fato, todos ficarão maravilhados ao ouvir falar do grande poder das pessoas da Krita Yuga. Parece mesmo incrível. Na Krita Yuga, os homens costumavam viver centenas de anos. Todos eram muito altos e bem constituídos e não de baixa estatura como as pessoas da atualidade. Apenas suas mãos mediam um metro e oitenta centímetros. Que força vital sustentava as pessoas daquele tempo? O princípio vital estava presente em seus ossos. Por essa razão, as pessoas conseguiam permanecer vivas mesmo reduzindo-se a um esqueleto, na ausência de comida e água. Ainda que não houvesse carne e sangue no corpo, o princípio vital poderia permanecer nos ossos.

Na Treta Yuga, a altura das pessoas se tornou comparativamente menor. Não somente a altura, mas também a longevidade diminuiu. As pessoas conseguiam permanecer vivas enquanto houvesse carne e sangue no corpo. Então, na Dwapara Yuga, o princípio vital estava presente no sangue e as pessoas conseguiam se manter vivas enquanto houvesse sangue no corpo. Isso pode ser bem compreendido a partir do exemplo de Bhishma, na guerra do Mahabharatha. Ele permaneceu deitado em uma cama de flechas por 56 dias até todo o sangue ser drenado do seu corpo. Não havia sistemas de suporte à vida naquela época, como cilindros de oxigênio. O princípio vital estava no sangue dele, que foi completamente drenado após 56 dias.

Nesta era de Kali, o princípio vital está presente na comida. O homem permanece vivo enquanto consegue se alimentar. Sem comida, o corpo fica sem vida. Por isso, nesta era de Kali, o homem se chama *Annagata Prani* (aquele que é mantido pelo alimento). Nas eras anteriores, porém, a comida não era importante e, sim, a conexão com Deus. Na Krita Yuga e na Treta Yuga, as pessoas davam a prioridade máxima ao seu relacionamento com Deus. Entretanto, após a Dwapara Yuga ter começado, as pessoas passaram a confiar mais em suas cabeças do que em Deus. Tentem compreender isso claramente. Na Krita e Treta Yugas, a crença das pessoas era Dharma Mulam Idam Jagat (a Retidão é a Base do Mundo Inteiro). Mas, na Dwapara Yuga, as pessoas consideravam que *Dhana Mulam Idam Jagat* (o Dinheiro é a Base do Mundo Inteiro). Qual foi a causa da guerra entre os Kauravas e Pandavas? A ganância por riqueza era tanta que os Kaurava se recusavam a dar sequer cinco vilarejos aos Pandavas, sua parte no reino. Assim, o dinheiro foi a causa da guerra do Mahabharata. Nesta era de Kali, vocês devem compreender que não é o dinheiro (*Dhana*) que sustenta o mundo, mas a compaixão (*Daya*). *Daya Mulam Idam Jagat* (a Compaixão é a Base do Mundo Inteiro). Porém, não há vestígio de *Daya* no coração do homem atual. Hri + Daya = Hridaya (coração). Aquilo que está cheio de compaixão é um coração humano. Mas, devido à falta de compaixão em seu coração, o homem está enfrentando muitos suplícios.

Os Avatares vêm para Estabelecer o Dharma

Durante o tempo em que os ensinamentos do Budismo e Jainismo foram largamente seguidos na Índia, Sankara nasceu em uma pequena vila chamada Kaladi, em Kerala, como filho de um nobre casal: Aryamba e Sivaguru. Qual era a situação naquela época? Havia muitos reinos pequenos que lutavam entre si por bens materiais. Como resultado dessas guerras, as mentes das pessoas estavam repletas de ódio. O ódio levou à desunião, que, por sua vez, fez surgir a conduta imprópria, falsidade, injustiça e crueldade. Não apenas isso: os eruditos Védicos, intelectuais e pessoas educadas começaram a interpretar mal os ensinamentos dos Vedas e *Sastras* (Escrituras). Por essa razão, as pessoas perderam a fé nos ensinamentos dos Vedas e *Sastras*. Como resultado, surgiu a necessidade de um poder divino encarnar para corrigir as coisas.

O Senhor Krishna declara na Bhagavadgita:

*Yada Yada Hi Dharmasya Glanir Bhavati Bharata, Abhyutthanamadharmasya Tadatmanam
Srujamyaham.*

(Verso em sânscrito)

(Sempre que a retidão está em declínio e a injustiça está em ascensão, Eu encarno sobre a Terra.)

Quando declina a prática do Dharma, quando a injustiça está em alta, quando as pessoas começam a agir de forma contrária aos ensinamentos dos Vedas e escrituras, ou Deus em Pessoa encarna, ou Ele manda Amsavatares (manifestações parciais de Deus), profetas e almas nobres, para corrigir a situação. Quando Deus encarna com todos os Seus Atributos Divinos, chama-se Purnavatar ou Vibhavavatar. O Archana Nama se refere aos nomes dos Amsavatares. Não apenas na Índia, mas em todos os países, esses Amsavatares encarnam de tempos em tempos.

No início, Jesus disse: “Eu sou o mensageiro de Deus”. Gradualmente, ele compreendeu o princípio do residente interior. Então, ele declarou: “Eu sou o filho de Deus”. Sendo filho de Deus, ele adquiriu todos os atributos de Deus. Assim como o filho tem direitos plenos sobre a propriedade de seu pai, Jesus, como filho de Deus, adquiriu todos os atributos divinos. Quando ele compreendeu que o mesmo princípio átomico está presente em todos, declarou “Eu e Meu Pai somos Um”. Zoroastro disse a mesma coisa. Primeiro, ele declarou “Eu estou na luz”. Ele disse que Deus estava no céu e que ele vivia em Sua luz. Gradualmente, ele compreendeu que a Divindade estava presente dentro dele. Então, disse: “a luz está em mim”. No princípio, ele pensou que estava na luz. Então percebeu que a mesma luz estava dentro dele e que a luz exterior nada mais era que o reflexo do ser interno. Ele compreendeu que estava sendo guiado pela luz interior. Quando percebeu a unidade da luz interna e da luz exterior, declarou: “Eu sou a luz”. De acordo com a filosofia indiana, esses três estágios são representados pelo Dualismo (*Dvaita*), Não-dualismo Qualificado (*Visishtadvaita*) e Não-dualismo (*Advaita*).

AFERREM-SE AO PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA UNICIDADE

DEUS É UM SÓ; A META É UMA SÓ

Shankara, que veio para demonstrar ao mundo inteiro o princípio de *Advaita*¹, considerava-se um servo de Deus. Infelizmente, seu pai, Shivaguru, faleceu quando ele estava com três anos de idade. Dez dias antes do seu falecimento, Shivaguru teve uma visão de resplendor divino, que lhe

¹ Não dualismo: doutrina filosófica segundo a qual o *Atma* (Deus, visto como o Particular) e o *Paramatma*, ou *Brahman* (Deus, visto como o Universal), são a mesma e única Realidade Suprema. (N. T.)

comunicou que devia realizar a cerimônia de *Upanayam*² (investidura no cordão sagrado) de Shankara. Obedecendo às instruções da luz divina, Shivaguru realizou a cerimônia quando Shankara contava três anos de idade. Após o *Upanayam*, Shankara começou a recitar o mantra *Gayatri*.

Shankara Ensinou ao Mundo o Princípio de *Advaita*

Após a morte do pai de Shankara, sua mãe, Aryamba, assumiu toda a responsabilidade pela sua educação, e o colocou em um *gurukul*³, sob a tutela de um *guru* (preceptor). Shankara era dotado de um intelecto tão aguçado que, antes de completar 16 anos, já dominara os quatro *Vedas* e os seis *Shastras* (sistemas de filosofia). Para o comum dos mortais, nem em cinquenta anos é possível estudar os quatro *Vedas* e os seis *Shastras*. Mas Shankara era especial; na verdade, ele era superespecial. Podia compreender e assimilar os ensinamentos de todos os quatro *Vedas* e dos seis *Shastras*. O *guru* ficou maravilhado ante a perspicácia intelectual do seu discípulo. Certo dia, a mãe de Shankara foi até o *guru* e lhe expressou a sua intenção de realizar o casamento do filho. Shankara, porém, afirmou que não estava interessado em casamento e que desejava fazer voto de *sannyasa* (renúncia). Ele disse: “Desejo oferecer meu corpo, minha mente, tudo a Deus. Na realidade, nada é meu, tudo é dado por Deus; portanto, quero oferecer-me a Deus”. Estava determinado a se tornar um *sannyasin* (renunciante). Aryamba, em lágrimas, rogou-lhe que se casasse. É natural que uma mãe deseje que o filho se case.

Certo dia, quando sua mãe foi ao rio buscar água, Shankara seguiu-a, implorando: “Mãe, dê-me a sua permissão para fazer o voto de *sannyasa*”. Aryamba, porém, não cedeu. Quando ela estava enchendo o pote, Shankara pulou no rio e, depois de algum tempo, levantou a mão, gritando: “Mãe, estou sendo engolido por um crocodilo. Pelo menos agora, permita-me abraçar *sannyasa*”. A mãe, imediatamente, falou: “Meu querido, se o voto de *sannyasa* salvar a sua vida, que assim seja! Se você estiver vivo, será o bastante para mim”.

Na mesma hora, o crocodilo soltou Shankara, que saiu da água e disse à mãe: “Eu estava sendo engolido pelo crocodilo da vida mundana. Uma vez que você me permitiu ser um renunciante, deixando de lado todos os apegos mundanos, ele me deixou”. Fazer voto de *sannyasa* não significa simplesmente vestir túnicas cor de açafraão; é mudar a forma de encarar a vida.

Shankara ofereceu à mãe suas saudações e, aos 16 anos, deixou o lar. Nessa ocasião, sua mãe o fez prometer-lhe que voltaria na hora da sua morte para realizar os seus ritos fúnebres. Naquela época, não havia ônibus, carros ou aviões para as pessoas se deslocarem de um lugar a outro. Shankara viajava a pé e visitou todos os centros de peregrinação do país. Durante as suas viagens, encontrou muitos eruditos védicos, que derrotou em debates e aos quais ensinou o princípio de *Advaita*, dizendo-lhes: “Vocês veem a diversidade com base em nomes e formas exteriores. Embora as formas sejam diferentes, embora as cabeças difiram, o coração é um só e o mesmo. Isso é divindade”. Pode haver muitas variedades de cana-de-açúcar, mas o caldo é o mesmo em todas elas. Da mesma forma, a divindade está presente em todos, na forma da essência divina. Nessa época, Mandana Misra, considerado um grande erudito, também se tornou discípulo de Shankara, após ser derrotado por ele em debate. Shankara viajou extensamente e convenceu todos os grandes eruditos do princípio da unicidade.

Todas as Religiões Ensinam o Princípio da Unidade

² Cerimônia de iniciação no mantra *Gayatri*, fórmula sagrada mediante a qual se roga por um claro intelecto. (N. T.)

³ Tipo de escola tradicional na Índia, em que os discípulos residem na casa de um mestre espiritual, ou *guru*, do qual recebem ensinamentos. (N. T.)

Há apenas uma entidade, e não duas. Deus é Um sem um segundo (*Ekameva Advitiam Brahma*). As pessoas são iludidas pela diversidade de nomes e de formas. Elas devem aferrar-se ao princípio subjacente da unicidade. Nada existe sem esse princípio fundamental. Não é possível fabricar ornamentos sem ouro, nem potes de cerâmica sem barro. Da mesma forma, há um único princípio fundamental para toda a criação. Ele é o mesmo para pessoas de todas as religiões: hindus, cristãos, muçulmanos ou *sikhs*. Embora o princípio divino seja o mesmo, pessoas de diferentes fés o chamam por nomes diferentes. Deus é um só, a meta é uma só. Deve-se ensinar aos estudantes esse princípio da unicidade. Não é fácil compreender o princípio de *Advaita*. Eis por que, no dia de hoje, transmiti a vocês, em poucas palavras, o seu significado.

O que é religião? É aquilo que remove todas as diferenças. De fato, demonstra a unidade na diversidade. Havendo estabelecido firmemente o princípio de *Advaita* no coração das pessoas, Shankara deixou o corpo precocemente, aos 32 anos de idade. E por que razão? A tarefa para a qual viera havia sido cumprida. Ele recomendou aos discípulos que preservassem esse princípio em seus corações e que o divulgassem. Fundou quatro centros de *Advaita* – Jagannath Mutt, Sringeri Mutt, Dwakara Mutt e Joshi Mutt, deixando-os a cargo de seus quatro proeminentes discípulos. Ao estabelecer esses centros e promover o sentido de unicidade espiritual entre as pessoas, Adi Shankara promoveu a harmonia no país. Esforçou-se para disseminar a felicidade em toda parte, divulgando o princípio de *Advaita* e removendo as diferenças e a inquietação. Ninguém pode questionar o princípio de *Advaita* disseminado por Shankara.

Posteriormente, Ramanujacharya modificou *Advaita* e lhe deu o nome de *Vishishtadvaita* (não dualismo qualificado). Assim como o caldo extraído de todos os tipos de cana de açúcar é o mesmo, a essência divina é a mesma em todos os seres. Foi esse o princípio de *Advaita* ensinado por Shankara. Mas por quanto tempo se pode guardar o caldo da cana? Ele não pode permanecer inalterado com a passagem do tempo. Se, no entanto, o mesmo caldo for transformado em açúcar, passará a ter longa duração e poderá ser acrescido a qualquer preparação. Ele adoça; poderão acrescentá-lo à farinha de trigo ou de arroz para esse fim. Tudo o que entra em contato com uma substância doce como o açúcar adquirirá a propriedade da doçura. O açúcar não é perecível e pode ser usado em qualquer coisa. Portanto, em vez de preservar o caldo da cana tal como é, melhor transformá-lo em açúcar e usá-lo. Esse é o princípio de *Vishishtadvaita* defendido por Ramanujacharya.

O terceiro princípio, *Dvaita* (dualismo), foi promovido por Madhvacharya. Os expoentes dos três tipos de filosofia – *Advaita*, *Vishishtadvaita* e *Dvaita* – são, respectivamente, Shankaracharya, Ramanujacharya e Madhvacharya. Mas todos três concordaram sobre o princípio fundamental da unicidade. Shankaracharya o chamava de caldo de cana-de-açúcar, Ramanujacharya o chamava de açúcar. Madhvacharya disse: “Se a Divindade é como o açúcar, não desejo tornar-me açúcar; desejo ser aquele que desfruta a doçura do açúcar. Se eu também me tornar açúcar, como poderei desfrutar o seu sabor?”. Por isso, ele orava: “Ó Senhor, permanece sempre sendo açúcar, mas faz de mim aquele que desfruta a Tua doçura”. E quando vocês poderão tornar-se aquele que desfruta a doçura da divindade? Isso só será possível quando se oferecerem completamente a Deus. Até que o façam, poderão realizar qualquer tipo de *sadhana* (disciplina espiritual), como *japa* (recitação), *tapas* (penitência), *dhyana* (meditação) e *yoga*; poderão estudar qualquer número de livros sagrados; mas não obterão o mérito de desfrutar a doçura da divindade. Todas essas práticas espirituais só lhes darão satisfação mental temporária. Sendo todas essas práticas realizadas com o auxílio do coração, ofereçam-no a Deus. Eis o que ensinou Madhvacharya:

“Ó Deus, eu Te ofereço o coração que Tu me deste. O que mais posso oferecer a Teus Pés de Lótus? Rogo-Te que o aceites.”

(Poema em télugo)

O Homem Deve Conhecer a Sua Condição Humana para Compreender a Sua Divindade

Quando vocês dizem: “Ó Deus, eu Te ofereço o meu coração”, Deus diz: “Aqui Eu te concedo a experiência da doçura da divindade”. Tais os sentimentos, tal o resultado (*Yad bhavam tad bhavati*). Deus é imutável. Ele lhes responderá de acordo com os sentimentos que tiverem. Qual é a forma da água? E a do ar? Eles não têm forma própria. Assim também é Deus. Por causa do Seu imenso Amor por Seu devoto, Deus assume a forma da escolha do devoto. O ar toma a forma de uma bola de futebol ou a de um balão, conforme seja insuflado neste ou naquela, assim como a água toma a forma do contêiner ou da vasilha na qual é despejada. Da mesma maneira, Deus assume a forma sobre a qual vocês meditam. Ele não tem preferência por esta ou por aquela forma.

*Sarva Rupa Dharam Santham, Sarva Nama Dharam Shivam,
Satchidananda Rupam Advaitam, Satyaam, Shivam, Sundaram.*

(Verso em sânscrito)

*Todos os nomes e formas são apenas as manifestações do Ser Supremo, que é Existência –
Consciência – Bem-Aventura Absoluta, e é não dual. Ele é a personificação da Verdade, da
Bondade e da Beleza (Satyam, Shivam, Sundaram).*

Embora Deus não tenha forma, Ele assume todas as formas e considera todos os nomes como Seus. Embora a Verdade (*Satyam*), a Bondade (*Shivam*) e a Beleza (*Sundaram*) pareçam ser diferentes, elas são, de fato, uma única e mesma coisa. Verdade é beleza. Como pode haver beleza onde não existe verdade? Não pode haver beleza na inverdade; pode haver atração, mas não beleza. Portanto, tudo o que é verdadeiro é beleza. Quando a beleza e a verdade vêm juntas, a bondade se manifesta. A verdade, a bondade e a beleza são uma única e mesma coisa. Platão ensinou exatamente isso a seu discípulo Aristóteles. Ele disse: “Meu caro, eu estudei todas as escrituras e percebi que Deus é a corporificação da verdade, da bondade e da beleza”. Quando o homem possui esses três atributos, ele também se torna divino.

Hoje em dia, o homem não compreende o que é ser humano. É incapaz de reconhecer os valores humanos presentes em seu interior. Como poderá, então, reconhecer a sua divindade inata? Centenas de milhares (*lakhs*) de anos se passaram desde o nascimento do ser humano. Mas, até agora, não nasceu nele a condição humana. No dia em que o homem perceber a sua verdadeira natureza humana, ele visualizará a sua própria divindade inata. A menos que conheça a sua condição humana, como poderá realizar a sua divindade? Se uma pessoa não consegue tocar o telhado, como poderá alcançar o céu? Portanto, em primeiro lugar, o homem deve procurar adquirir qualidades humanas. Então, será fácil para ele desenvolver qualidades divinas. Os estudantes devem entender como as almas nobres, naqueles tempos, realizavam a divindade. Quando trilharem o caminho indicado por elas, serão capazes de desenvolver sentimentos nobres, amor desinteressado e levar uma vida pacífica.

(Bhagavan concluiu Seu Discurso com o cântico devocional *Bhaja Govindam Bhaja Govindam...*)

Fonte: (Sanathana Sarathi maio de 2015)